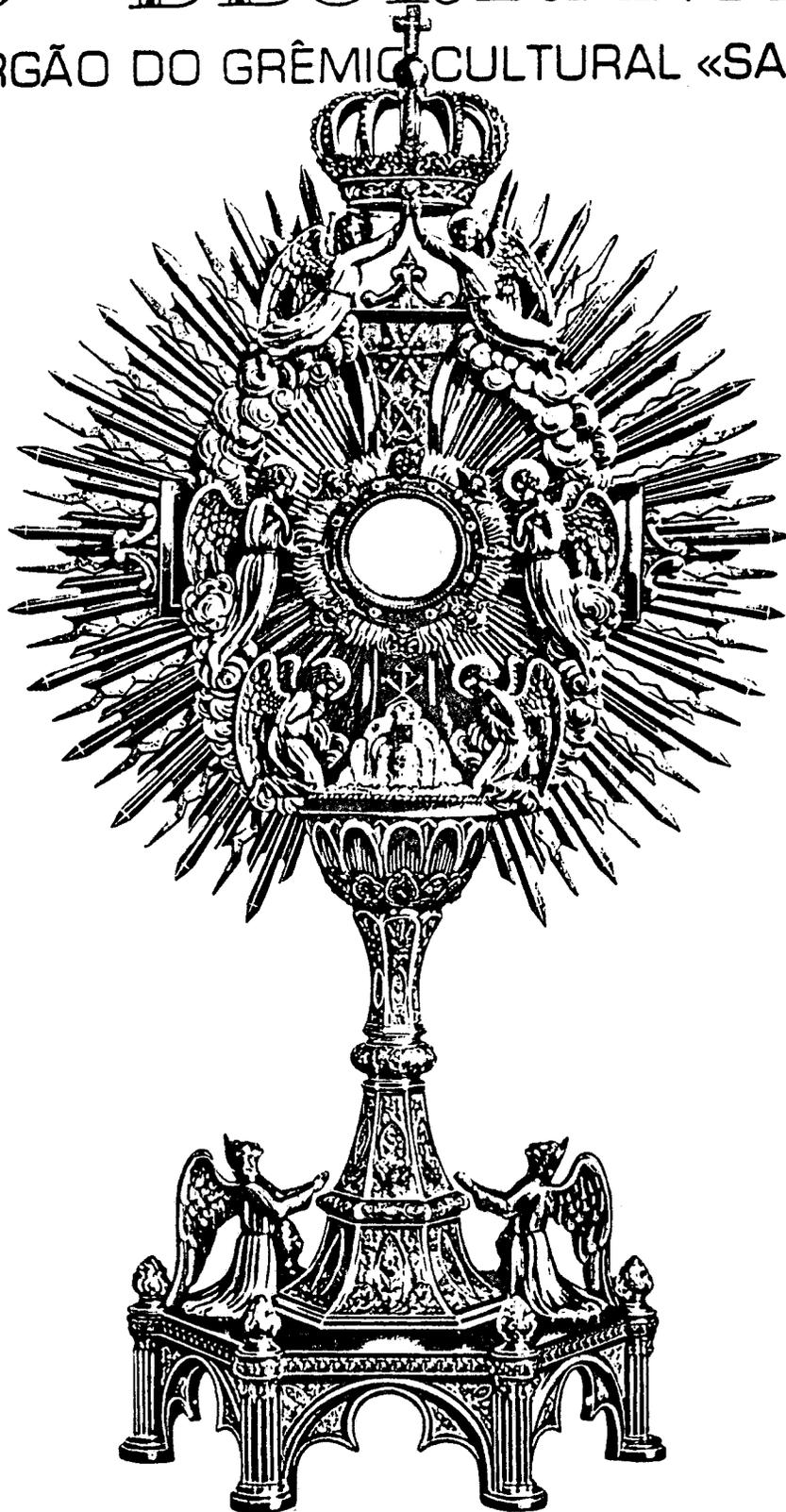




O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



O Meu Jesus Amantíssimo, Dulcíssimo, Caríssimo, Vida, Esperança, Tesouro e único Amor de minha alma; Oh! Quanto Vos custou a permanência conosco neste Sacramento!

Para ficardes sobre os nossos altares preciso Vos foi morrer na cruz. E depois, neste Sacramento, quantas injúrias sofreis para estardes presente no meio de nós! Mas, venceu o Vosso Amor, venceu o desejo que tendes de ser amado por nós.

Escrevem os leitores

"...Em anexo, fotocópia de depósito feito no Bradesco, como colaboração espontânea à revista "O Desbravador", uma das poucas revistas que, tão logo recebo, leio do começo ao fim e não me canso de reler..."

BRAULINO ANTÔNIO BONDAN
BENTO GONÇALVES-RS

"...Desejo que o Bom Deus continue abençoando e que a Virgem Maria cubra com seu manto sagrado este maravilhoso trabalho que é "O Desbravador", que, neste mundo materialista é o desbravador da palavra de Deus... Quando chegava em minha antiga paróquia era para mim e meus paroquianos uma bênção. Hoje, em nova paróquia, desejo que esta bênção continue..."

PE. VALDIR IRINEU BACKMANN
CAMPO MOURÃO-PR

"...Gostaria de saber se vocês ainda trabalham com a revista "O Desbravador". Se continuam peço a gentileza de me enviarem alguns números. Essa revista é muito importante..."

HUMBERTO PEREIRA
COROMANDEL-MG

"...Peço anotar meu novo endereço para que "O Desbravador" não se perca..."

DR. OSMAR UTINGUASSU
PORTO ALEGRE-RS

"...Estou enviando uma pequena colaboração e agradeço muito por me mandarem "O Desbravador". Gosto demais de tudo, e é muito bom saber que existem católicos inteligentes, que escrevem muito bem, e pensam e agem como eu, católica, apóstolica, romana, com a graça de Deus e com Nossa Senhora..."

EROTHYDES F. FIGUEIREDO
SANTO ANDRÉ-SP

O DESBRAVADOR

DIRETOR: MESSIAS DE MATTOS
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

ASSISTENTES DE DIREÇÃO

Pe. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
ANSELMO LÁZARO BRANCO
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO

HERIBALDO C. DE BARROS
JAIR AGENOR RIBEIRO
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

Pe. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS DA SILVA

SECRETARIA

SHEFFERSON SANDER FERREIRA
PATRÍCIA MIDÕES DE MATOS
MARIA DO CARMO M. RUPINO

EXPEDIÇÃO

JORGÉ HENRIQUE S. RIBEIRO
RENATO VERÍSSIMO
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO

ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA

CAIXA POSTAL - 6416
01064-970 SÃO PAULO SP

EDITORIAL

Muitas das cartas que recebemos ao cabo dos anos, referem-se a "O Desbravador" como uma revista mariana.

E este título sumamente nos agrada. Verdadeiramente já na capa de nosso primeiro número fazíamos a oferta de nossa publicação à Mãe de Deus.

No decorrer dos anos tem sido nossa preocupação honrarmos a Maria Santíssima e propagarmos a devoção a Ela.

Repetimos, sermos chamados de revista mariana é motivo de honra incalculável para nós.

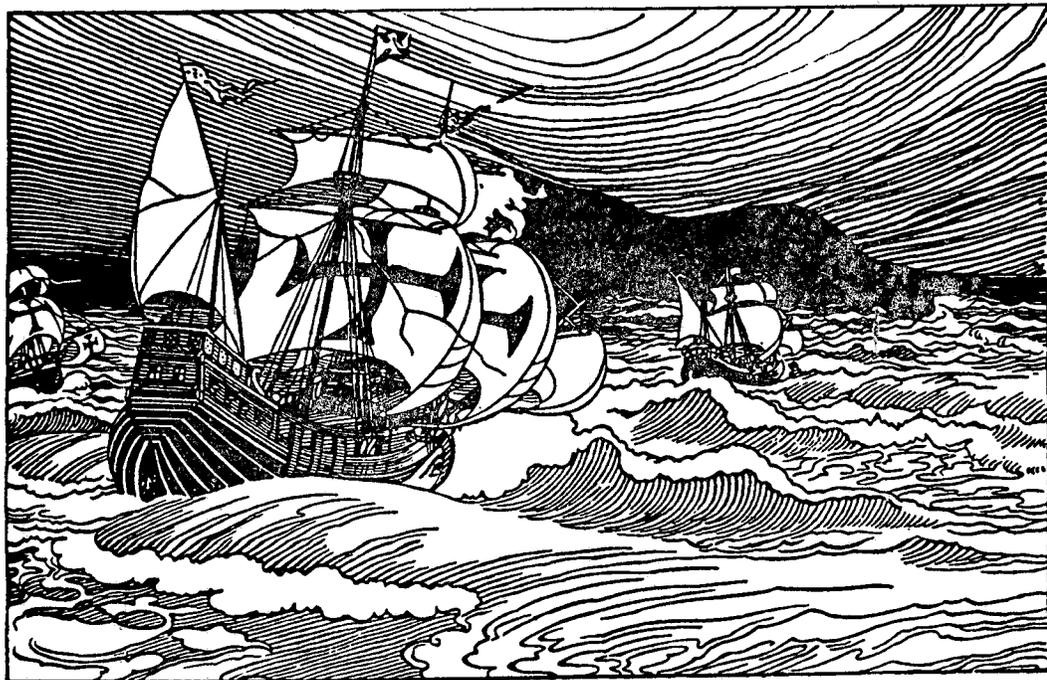
Mas, por outro lado, ficamos pensando em duas coisas nesse mesmo tema. Em primeiro lugar, sentimos que podemos fazer mais, bem mais para servir Nossa Senhora. Tudo quanto fizermos em honra d'Ela sempre será pouco. Que esta Mãe Amável aumente em nós seu amor a

Ela e nos dê a graça de servi-la em toda parte, a toda hora, em todas as horas, até o nosso último suspiro. Assim esperamos, assim seja.

Em segundo lugar gostaríamos que nossos leitores também amassem a Mãe de Deus e Nossa Mãe. Esperamos que sempre se reze a Ela, se recorra a sua proteção, se invoque seu auxílio, busque-se seu refúgio maternal. Esperamos, outrossim, que cada um se torne um apóstolo da devoção mariana. Reiteramos que tudo que se faz em honra de Maria é pouco.

Certa vez lemos que havia um santo que rezava para ser o maior devoto de Nossa Senhora, de todos os tempos, depois de Nosso Senhor.

Que este mesmo desejo invada o nosso coração e o vosso, amáveis leitores. É o que esperamos que a Mãe de Deus faça para todos nós.





MORALISMO SIM!

Recentemente, ao passarmos por um colégio, vimos uma faixa aonde se lia que estava sendo feita mais uma "campanha de prevenção à AIDS". E já nesta faixa estava escrito: "moralismo não".

Pelo que apuramos eles queriam fazer uma campanha contra a AIDS, mas sem conclamar às pessoas a corrigirem seus comportamentos pecaminosos. Em outras palavras, eles queriam dizer que o drogado continuasse drogado, o homossexual continuasse como tal, o depravado continuasse a se depravar e no entanto que a AIDS fosse evitada.

Ou seja, pregavam a quadratura do círculo, pois sem mudança de vida, sem comportamento correto, sem vida moralmente boa e sem a obediência às Leis de Deus não se evitará a terrível moléstia.

Isto é o óbvio. Como dois mais dois são quatro. Se está provado que a AIDS grassa principalmente e quase exclusivamente entre drogados, homossexuais, depravados, etc., somente extinguiremos a doença extirpando-se as causas.

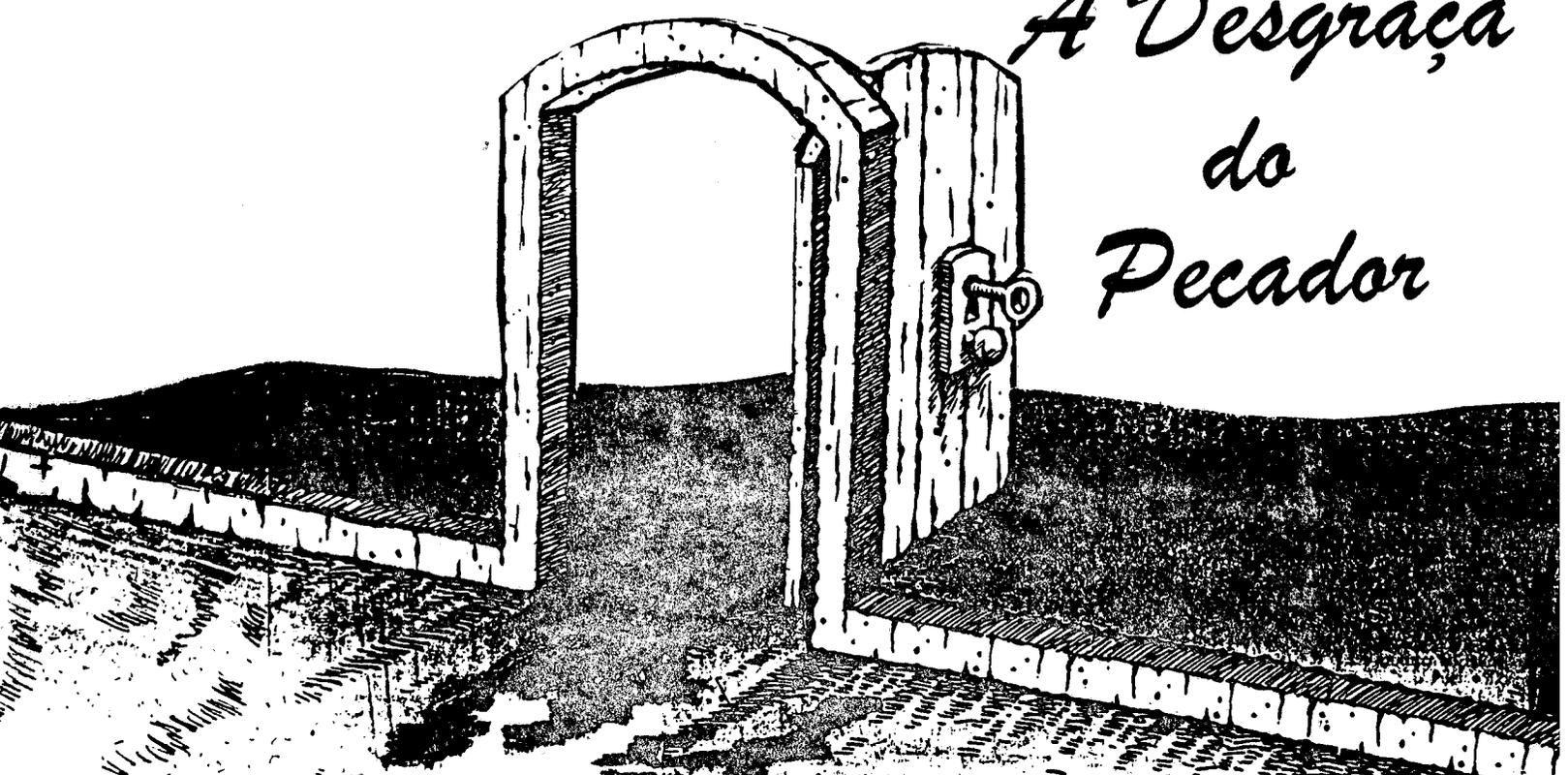
Urge pois fazerem-se verdadeiras campanhas contra a AIDS, que preguem uma vida moral e religiosa correta. Só assim a moléstia regredirá e será extinta.

Fora disso termos a cada ano a entrada de milhões de pessoas no rol dos contaminados pelo terrível vírus.

Se não queremos as consequências, ataquemos e evitemos as causas. Aí sim as campanhas produzirão seus efeitos. Moralismo sim, para podermos dizer AIDS não.



A Desgraça do Pecador



Grande é a malícia do pecado, mas grande também é a desgraça de quem o comete.

O pecado mortal rouba-nos a vida sobrenatural. Como a alma dá vida ao corpo, assim a graça dá vida à alma. É a razão por que o pecado grave é chamado mortal, visto destruir a vida da graça na alma. Como a morte do corpo não pode ser suspensa a não ser por milagre da mão de Deus, assim também a morte da alma não poderá ser impedida senão por milagre da bondade divina, quando ela é atingida pelo pecado. É verdade que Deus em sua misericórdia costuma restituir a vida da graça, perdoando a muitas almas aqui na terra. Isso dá-se, porém, só neste mundo e não no outro, pois sua providência estabeleceu como lei exercer misericórdia no tempo e não na eternidade.

O pecado mortal ocasiona a perda de todos os merecimentos. Se tivesses adquirido méritos semelhantes aos de um S. Paulo eremita, que viveu 89 anos em uma gruta, ou aos de um S. Francisco Xavier, que conquistou milhões de almas para Deus, ou aos de um S. Paulo apóstolo, que adquirira mais merecimentos, segundo S. Jerônimo, que os demais apóstolos juntos, tudo perderias cometendo um só pecado mortal. "Não será recordada nenhuma das obras de justiça por ele praticadas"(Ecli 18,24).

Pobres pecadores! Imaginam encontrar a felicidade cometendo pecados, mas só encontram amargura e remorsos. "Em seus caminhos só há arrependimento e infelicidade e não conhecem o caminho da paz" (Sl 13, 3). Mas não procuram eles a paz? Sim, mas "para os ímpios não há paz, diz o Senhor" (Is 48, 22).

O temor do castigo divino acompanha sempre o pecado. Quando se tem por inimiga uma pessoa poderosa, não se pode comer nem dormir sossegado. Ora, como então poderá viver em paz quem se fez inimigo de Deus? "O temor é a recompensa dos que praticam o mal" (Sl 10, 29). Oh! quanto não treme um homem, que tem no coração um pecado mortal, ao sentir os abalos do terremoto, ao ouvir os trovões de uma tempestade; já o sussurro de uma folha causa-lhe terror. "O som do terror sempre ecoa aos ouvidos dele" (Job 25,21). "O ímpio foge sempre sem que ninguém o persiga" (Prov 28, 1). Que coisa o persegue então? Seus próprios pecados. Depois de Caim ter trucidado seu irmão Abel, exclamou: "Todo aquele que me encontrar, matar-me-á" (Gn 4,14), apesar de ter-lhe o Senhor asseverado que ninguém o mataria. Caim morou como prófugo na terra, ajunta a Escritura, fugindo de um lugar para outro. Quem o perseguia? Seu pecado.

Ao pecado sucedem-se os remorsos, aqueles vermes cruéis que não cessam de roer. Dirige-se o infeliz pecador ao espetáculo, ao baile, a um banquete; por toda parte ouve a voz da consciência: Vives na graça de Deus, que será de ti se morreres? As exprobrações da consciência causam muitas vezes já nesta vida tão grande tormento, que alguns se deram à morte para dela se libertarem. Um desses foi Judas que, por desespero, se enforcou. De um homem que matara uma criança, conta-se que entrou num convento para ver-se livre de remorsos, mas não encontrando aí a paz, procurou o juiz, confessou-lhe sua culpa e deixou-se condenar à morte.



Que é uma alma privada da graça de Deus? O Espírito Santo compara-a a um mar tempestuoso: "Os ímpios assemelham-se ao mar encapelado que não pode ficar tranqüilo" (Is 57, 20). Se alguém fosse convidado para um concerto, um baile, um banquete, e lá fosse dependurado de cabeça para baixo, poderia sentir satisfação nesses divertimentos? Com um tal se parece um pecador, privado da graça de Deus, e rico em bens deste mundo. Em sua alma está tudo transtornado. Poderá comer e beber, dançar e vestir-se luxuosamente, receber demonstrações honrosas e conseguir altas colocações e grandes cabedais, paz nunca ele terá. Para os ímpios não há paz. Deus é o distribuidor da paz, ele só a concede a seus amigos e não a seus inimigos.

Não termina, porém, aqui a desgraça do pecador. Como afirma S. Tomás de Vilanova, uma alma que perdeu a graça de Deus não poderá passar muito tempo sem cometer novos pecados. Assim se originam aqueles hábitos fatais que tão dificilmente se deixam.

O pecador habituado é comparado na Escritura (Sl 82, 14) à moinha que é levada pelo vento. Vede quão facilmente é a palha arrastada pelo mais leve vento, diz S. Gregório; da mesma forma notareis que alguns, antes de darem o consentimento, resistiram por algum tempo e combateram a tentação, mas tornando-se-lhes o mal um hábito, qualquer tentação, a menor ocasião que se lhes oferece basta para os induzir ao consentimento imediato. E por que? Porque o mau hábito privou-os da luz.

S. Anselmo diz que o demônio procede com certos pecadores como um menino que tem um pássaro preso em um laço. Ele deixa-o voar, mas puxa-o novamente para terra. Assim também um pecador preso na rede do mau costume está sujeito ao poder de seu inimigo e, se procura alguma vez levantar e elevar-se, cai novamente nos antigos vícios. Outros vão mesmo tão longe que caem em pecados sem nenhum motivo externo, como nota S. Bernardino. Este santo compara os pecadores habituais a moinhos de vento, que são movidos por qualquer sopro do vento e que muitas vezes trabalham mesmo quando o moeiro o deseja parar e nada há mais para moer.

Certamente encontrar-se-á algum pecador habitual, que, sem nenhum motivo externo, sem gosto e quase contra a vontade, arrastado unicamente por seu mau costume, se demore em maus pensamentos, pois, como nota S. João Crisóstomo (Hom. ad bapt.), "o hábito é uma coisa muito violenta que muitas vezes nos arrasta a pecados sem que o queiramos". A causa disso é que o hábito torna-se uma quase necessidade ou uma segunda natureza, na expressão de S. Bernardino (Tom. 3, s. 5). Como o respirar é uma necessidade para o homem, assim para o escravo do mau costume torna-se o pecado quase que uma necessidade. Digo para o escravo, pois os escravos servem constrangidos, sem recompensa, ao passo que aos empregados se pagam serviços. Tão longe chegam alguns infelizes pecadores: pecam sem gosto.

A consequência imediata de uma vida tão pecaminosa é a obstinação do coração. É a pena que Deus impõe, mui acertadamente, à resistência às suas inspirações. "O Senhor se compadece de quem quer e a quem quer endurece" (Rom 9, 18). S. Agostinho assim explica estas palavras do Apóstolo: Deus endurece significa que não quer se compadecer; Ele não endurece o pecador habitual, no sentido próprio da palavra, mas para castigar o abuso que faz de sua graça priva-o dela e com isso fica endurecido o coração do pecador: "duro como uma pedra e resistente como uma bigorna" (Job 41, 15).

Enquanto estes e aqueles se comovem ouvindo um sermão sobre o rigor do juízo divino, sobre as penas dos condenados, sobre a paixão de Jesus Cristo, o pecador habitual não se deixa enternecer; fala e ouve falar com indiferença a esse respeito; seu coração, sob tais impressões, torna-se ainda mais duro e resistente, como a bigorna do ferreiro.



E perdida uma vez a luz divina e endurecido o coração do pecador, será inevitável, humanamente falando, um mau fim e uma morte na obstinação. "Um coração endurecido se haverá mal no último dia" (Ecli 3, 27). Um tal infeliz parece-se com o abutre, que prefere tornar-se uma presa do caçador, a deixar o cadáver que segura em suas garras.

Numa cidade da Itália ocorreu o seguinte fato. Um jovem vivia em estado de pecado. Apesar das repetidas admoestações de Nosso Senhor e de seus amigos, não mudou em nada o seu proceder. Certo dia morre repentinamente sua irmã. Causou-lhe isto grande temor, mas não por muito tempo; apenas enterrada a irmã, continuou no seu desregramento. Dois meses depois uma febre levou-o ao leito. Em tal estado mandou chamar um padre e confessou-se. Isso não o impediu de exclamar um dia: Oh! quão tarde aprendo a conhecer o rigor da justiça divina; virando-se então para o médico, disse-lhe:

Recuso os remédios, meu mal é incurável, e dirigindo-se aos circunstantes: Sabei que, como não há mais salvação para o meu corpo, também não há esperança para minha alma; espera-me uma morte eterna; Deus abandonou-me, e eu o noto na obstinação do meu coração. Seus amigos e alguns religiosos tentaram reanimar sua esperança, lembrando-lhe a misericórdia. Debalde, ele só respondia: Deus me abandonou.

Quem narra tal fato estava presente e procurou também reanimar o jovem, dizendo-lhe: Tem confiança, reconcilia-te com Deus e recebe o santo viático. Ah! meu amigo, respondeu-lhe, falais com uma pedra, minha confissão já foi inválida, porque não tive arrependimento; não quero nem confessor nem sacramentos; só peço que não me deis o viático; cometeria coisas horrendas. O sacerdote retirou-se com o coração aflito. Noutro dia voltou à casa do doente e disseram-lhe que o enfermo falecera durante a noite, sem auxílio sacerdotal algum.

Mas a desgraça maior que sucederá ao pecador endurecido será a separação eterna de Deus em castigo de ter vivido apartado de Nosso Senhor aqui no mundo. Nem as trevas, nem os tormentos, nem o fogo, nem o fétido, nem os lamentos constituem propriamente o inferno, mas sim a pena da perda de Deus. Acumulai penas e mais penas, diz S. Bruno, nunca tereis o inferno se não estiverem os condenados privados da posse de Deus. E S. João Crisóstomo: Se imaginares milhares de penas infernais, nada poderás apresentar que iguale a essa pena. Santo Agostinho afirma que, se os condenados gozassem da visão de Deus, não sentiriam os outros tormentos, antes o inferno se lhes transformaria em paraíso.



Na vida presente só os santos sentem esta pena. Assim, S. Inácio de Loiola exclamava: Senhor, estou pronto a suportar todos os tormentos, só não quero ser privado de vossa posse. Os pecadores nada entendem dessa pena; esses infelizes podem viver meses e anos separados de Deus, caminhando nas trevas. Logo, porém, que a alma deixar este mundo, conhecerá também que foi criada por Deus, sentir-se-á atraída para Ele e desejará ardentemente unir-se a Ele; achando-se, contudo, em estado de pecado mortal, Deus a repelirá e compreenderá então o bem que perdeu.

Que esforços não faz um cão de caça atrelado, para se libertar quando divisa a lebre. Ao separar-se do corpo, a alma sente-se por sua própria natureza atraída para Deus e ao mesmo tempo repelida pelo pecado e precipitada no inferno. "Vossas iniquidades vos separaram de vosso Deus" (Is 59, 2). Todo o inferno consiste, pois, naquelas primeiras palavras da sentença da condenação: "Apartai-vos de mim, malditos" (Mt 25, 41). Apartai-vos de mim, dirá Jesus Cristo, nunca mais vereis minha face. "Se alguém coadunar mil infernos, não nos fará ainda entrever a desgraça daquele que se tornou um objeto de aversão a Jesus Cristo", diz S. João Crisóstomo (In Mt hom. 14).



Que dor não sentirá um filho ao ver morrer seu pai, ou uma esposa seu esposo, tendo de dizer: Meu pai, meu esposo, nunca mais te verei. Ah! se ouvíssemos um condenado chorar e lhe perguntássemos por que chora tanto, responder-nos-ia: Choro porque perdi a Deus e nunca mais o tornarei a ver. Mas se ao menos pudesse o infeliz amar a Deus e se conformar com sua santa vontade. Não, porque então o inferno deixaria de ser inferno: ele não poderá conformar-se com a vontade de Deus porque dela se fez inimigo; não poderá mais amar a Deus, tendo de odiá-lo eternamente e nisto justamente consiste seu inferno, pois reconhece que Deus é seu sumo e último bem e vê-se obrigado a odiar Aquele que sabe merecedor de infinito amor.



Avisos práticos

Tendo David condenado seu filho a não aparecer mais diante dele, ficou este tão aflito que disse: "Suplico que me seja permitido ver a face do rei, se não... mande matar-me" (2 Rs 14, 32). Filipe II disse uma vez a um cortesão que se comportava irreverentemente na Igreja: Retira-te para sempre diante de meus olhos. Causou isto tanta tristeza ao cortesão que faleceu de dor apenas chegado em casa. Que horror não causará então a sentença de Deus contra os condenados. "Ocultar-lhes-ei minha face... e todos os males e aflições pesarão sobre eles" (Deut 31, 17). Não pertenceis mais a Mim nem Eu a vós, dirá nesse dia o Senhor aos condenados, pois "vós não sereis mais meu povo e Eu não serei vosso Rei" (Os 1, 9).

Visto ser o pecado mortal um mal tão grande, uma desgraça tão desastrosa, renunciemo-lo para sempre: desconfiemos, porém, sempre de nós mesmos. Se não rezarmos, se contarmos só com nossas forças, cairemos infalivelmente. Digamos por isso muitas vezes com Santo Inácio: Não permitais, Senhor, que me aparte de Vós.

Se tivermos a infelicidade de pecar gravemente, não devemos desanimar, mas sem demora lançar-nos aos pés de Jesus e de seu sacerdote para uma boa confissão. "Eu sou pobre e carregado de trabalhos desde a minha juventude" (Sl 87, 16). Com essas palavras o Divino Salvador, por boca de David, anunciava que sua vida havia de ser um contínuo padecimento. Daqui conclui S. João Crisóstomo que também nós devemos nos afligir durante toda a nossa vida por causa do pecado.

Como Jesus passou toda a sua vida em aflições por causa de nossos crimes, assim devemos nós viver compenetrados de dor, já que fomos nós que cometemos esses pecados. Santa Margarida de Cortona não cessava de chorar seus pecados; disse-lhe, por isso, seu confessor que enxugasse suas lágrimas, porque Nosso Senhor já havia muito lhe perdoara. Como poderia deixar de chorar, respondeu ela, e de me arrepender de meus pecados, se meu Jesus por causa deles passou toda a sua vida em tristezas e aflições?

Para pessoas piedosas é de utilidade confessar-se em geral de um ou outro pecado grave da sua vida passada; isso não é somente um ato de humildade agradável a Deus, mas também um meio excelente de repelir toda a inquietação quanto ao valor da confissão. Alguns, que cometeram só pecados leves, vão se confessar sem verdadeiro arrependimento e firme propósito. Ora, para evitar esse escolho é de suma importância recordar-se, no exame de consciência, de um pecado grave já confessado e arrepender-se seriamente e em particular dele.

Antes de continuar aconselho a todos que ainda não fizeram uma confissão geral a fazê-la quanto antes. Não digo isso só para os que calaram pecados graves e se confessaram sacrilégamente e para os que fizeram confissão inválida por falta de conveniente preparação ou verdadeiro arrependimento, mas também para os que desejam seriamente dar-se inteiramente a Deus. A confissão geral é um meio poderoso para a verdadeira mudança de vida.

Havendo-se convertido depois de dolorosa confissão, Santa Margarida de Cortona causou tanta alegria a Nosso Senhor que Este começou a aparecer-lhe, chamando-a sempre: Minha pobre pecadora, minha pobre pecadora. Perguntou-lhe uma vez, cheia de humildade: Quando, Senhor, haveis de chamar-me filha? Quando fizeres uma confissão geral sobre tua vida inteira, chamar-te-ei minha filha, respondeu-lhe Jesus.

Estejamos sempre prontos a antes sacrificar tudo, mesmo a vida, que ofender a Nosso Senhor. Tenhamos sempre os sentimentos que S. Edmundo exprime nestas palavras; prefiro ser lançado em um braseiro a cometer um pecado contra meu Deus, e S. Anselmo nas seguintes: se tivesse de escolher entre o sofrer todas as penas dos sentidos no inferno e o cometer um só pecado contra o meu Deus, escolheria o primeiro.

Finalmente, devemos evitar toda a ocasião próxima de pecado, pois, apesar de serem nossos propósitos firmes e bons, não os cumprimos se não evitarmos a ocasião próxima do pecado.

(SANTO AFONSO MARIA DE LIGÓRIO)

COLABORE COM "O DESBRAVADOR"

Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.

Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou para nós consideravelmente.

Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.

Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem:

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433-0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo-SP

BRDESCO

CONTA CORRENTE 24019-2 (agência 278-0 - Gazômetro) São Paulo-SP

Em nome de: GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE.



A maior desgraça da AIDS

O mundo já passou por várias epidemias em diversas ocasiões: lepra, sífilis, pestes, tuberculose, etc.

Quando esses males açoitavam os homens, produziam verdadeiras devastações, mas no meio de tais flagelos, uma coisa reluzia: a assistência espiritual que era dada aos portadores de tais moléstias.

Assim, por exemplo, ainda hoje se observam gravuras da época da terrível peste negra, nas quais se vê o sacerdote caridoso a ouvir a confissão do enfermo e prepará-lo para a eternidade. Quantas vezes os bons, padres, com isso, contraíam o mal, mas os pacientes morriam na graça de Deus. Ou então, por ocasião do mal do século XIX, quantos dos típicos poetas, escritores e músicos não morreram arrependidos de seus pecados, graças aos esforços de irmãs de caridade e padres solícitos.

Sendo a AIDS uma pandemia jamais vista e sendo considerável o número de seus portadores, pessoas de vida pregressa de pecados, seria de se esperar que o primeiro, o mais intenso cuidado aos aidéticos fosse o espiritual. Qual o que!

Querendo abolir a noção de culpa da vida dos homens, querendo afastar Deus do centro dos acontecimentos, os homens que cuidam dos doentes do terrível mal, tiram deles o único e real remédio que lhes seria eficaz: a cura de suas almas, com a Confissão, a Extrema-unção, e a Santa Comunhão que uma vez ministradas aos doentes da AIDS lhes dariam a verdadeira esperança, a da vida eterna. E o que dizer da imposição do Escapulário do Carmo aos doentes e também da Medalha Milagrosa? Seria colocá-los sob a proteção maternal de Maria Santíssima.

Mas, preferem-se psicólogos, terapeutas, etc. Os resultados estão na cara: aidéticos com seus corpos em farrapos e suas almas em ebulição desesperada.



OS SETE MÁRTIRES ADORMECIDOS

Os Sete Adormecidos viveram em Éfeso por volta do ano 250. O imperador Décio, ao visitar esta cidade mandou construir templos, afim de que todos se reunissem nesse local para sacrificarem aos ídolos. Ele ordenou que fossem procurados todos os cristãos e os obrigassem a sacrificarem aos ídolos ou morrerem caso recusassem. Houve um tal medo dos suplícios que amigos renegavam a amigos, pais a filhos, filhos a pais.

Havia nesta cidade 7 cristãos, que foram tomados por uma grande dor ao tomarem conhecimento disso. Chamavam-se Maximiano, Malco, Marciano, Denys, João, Serapião e Constantino. Como eram os primeiros oficiais do palácio, e por desprezarem os sacrificios oferecidos aos ídolos, permaneceram em sua residência orando e jejuando. São acusados e trazidos diante do imperador que lhes dá um prazo para mudarem de posição.

Mas, neste intervalo, eles distribuem os seus bens entre os pobres, e tomam a resolução de se retirarem para o monte Célion, onde decidem permanecer escondidos.

Durante um bom tempo, um deles procurou prover-lhes do necessário, e de cada vez que entrava na cidade, disfarçava-se de mendigo. Ora, quando o imperador Décio voltou a Éfeso, mandou que se os procurassem para obrigá-los a apostatarem. Malco, que os servia, volta apressado, afim de avisá-los da fúria do imperador. Eles ficam tomados de medo; Malco então lhes apresenta os pães que tinha trazido, afim de que, fortificados pelo alimento, se tornassem mais bravos para o combate.



Após a refeição da noite, entretem-se com apreensão, e nesse instante, pela vontade de Deus, eles adormecem.

O imperador pronunciou contra os jovens a pena de morte: deveriam morrer lentamente por asfixia naquela mesma gruta. Assim, ela foi fechada com imensas pedras...

Dois cristãos, Teodoro e Rufino, escreveram nas pedras a relação de seu martírio.

O tempo passou. Sucederam-se as gerações e os monarcas. A Igreja, agora favorecida pela liberdade concedida pelo imperador Constantino em 313, tinha entretanto que combater as heresias disseminadas entre os próprios fiéis. Uma delas, propugnada pelos saduceus, contestava o dogma da ressurreição da carne. Aliás, dois bispos - Teodoro e Gaio - eram promotores dessa heresia. O então Imperador Teodósio, que reinou de 379 a 395, preocupado com esse grave risco, rezava pedindo a Deus a graça de conhecer a verdade em que devia crer.



Suas orações seriam atendidas. De fato, o dono de numeroso rebanho determinou a seus operários que construíssem um estábulo. As pedras que estes consideraram mais fáceis de utilizar, semi-encobertas pela vegetação, eram aquelas que, sob as instruções do imperador Décio, haviam colocado fechando a gruta...

Os operários abrem a gruta, os santos levantam, saúdam-se, pensando que tinham dormido apenas uma noite.

Depois lembrando-se da situação da véspera, perguntam a Malco, o que o Imperador havia decretado a seu respeito. Este responde: "Como eu dizia ontem, estão a nos procurar para nos obrigar a sacrificar aos ídolos. É o que pensa o Imperador a nosso respeito". Maximiano diz: "E Deus sabe que não sacrificaremos..."



Depois de encorajar os companheiros, pede a Malco para descer à cidade para comprar pão, recomendando-o pegar mais do que o da véspera. Malco pega a moeda, e sai da gruta. Assim que chega à porta da cidade, surpreende-se singularmente por vê-la encimada por uma cruz, mais adiante vislumbra uma grande cúpula com uma cruz em cima. Ele se persigna imaginando que estava a sonhar. Enfim, ele se anima e entra na cidade, indo direto aos vendedores de pão, e ouvem-nos falar de Nosso Jesus Cristo; ele pára, estupefato: "que é isto? ontem ninguém ousava pronunciar o nome de Jesus, e hoje se declaram todos cristãos? Creio que essa não é a cidade de Éfeso, aliás está construída de uma outra maneira; é uma outra cidade, não sei qual é".

Procura então se informar e responde-lhe que era Éfeso.

Entretanto compra o alimento para os companheiros, e ao pagá-lo, espanta o vendedor que lhe pergunta:

- Achaste algum tesouro? Dizei-me aonde!
- Não, recebi esta moeda de meu pai...
- Mas quem é teu pai?



As perguntas se sucediam, as perplexidades se multiplicavam, e por isso Malco foi conduzido na presença do arcebispo Marin. Este, ao ouvir atentamente o relato, encontrou logo o fio da meada. Malco falava a verdade e sua presença era um sinal palpável de que embora contestado pelos céticos, o dogma da ressurreição dos corpos faz parte da Revelação.



Acompanhado do arcebispo e do prefeito, Malco seguiu com a multidão até o local onde se encontravam seus companheiros, os quais relataram diversos fatos a respeito dos tempos de perseguição que sofreram. Depois... prosternaram-se e dormiram novamente, entregando suas almas a Deus.

Sua festa é comemorada no dia 27 de julho.



A Estampa Indestrutível

Quando fez a sua Primeira Comunhão, o garoto recebeu de um parente piedoso, uma estampa de Nosso Senhor Jesus Cristo. No entusiasmo de sua inocência, propôs sempre levar aquela estampa consigo. Propôs mais, decidiu imitar ao Divino Salvador.

O tempo passou, o menino cresceu e aquela imagem sempre o acompanhava. Era uma recordação contínua da graça da Primeira Comunhão.

Sempre a levava no bolso, porque sempre a tinha no coração. Mas, ó desgraça, o vendaval da adolescência, o despertar das paixões, o amor ao mundo tomaram conta da alma de nosso personagem.

Deixou a oração, largou os Sacramentos, embruteceu como um irracional. Largou o bem que fazia, mas num primeiro momento não teve coragem de se desfazer da bela imagem. Entretanto já não conseguia olhar para ela, pois cada olhar era uma sacudida que sua consciência recebia. Como não tivesse coragem de rasgá-la, guardou-a em um baú. Mas de quando em vez ao abrir o baú, o olhar da imagem o censurava e era preciso toda uma luta para tentar calar a consciência.

Não querendo melhorar e não suportando mais o conflito de alma, pediu a sua mãe que se desfizesse da estampa.

A mãe tirou-a de onde estava, mas não a rasgou, guardou-a no fundo de uma gaveta aonde ficavam os documentos da família, dentro de uma escritura.

O moço piorava sua vida. Nem uma Ave Maria rezava! Casou-se, mas separou-se. "Recasou-se". Aderiu a grupos anticatólicos. Os filhos que teve sequer foram batizados ao nascer.

O tempo passou, o moço enriqueceu, ficou famoso.

Depois... envelheceu, adoeceu, ficou pobre. Foi colocado pela família em uma clínica de idosos. Um dia, uma neta sua o visita e vem dizer que fará sua Primeira Comunhão. E em certo momento faz um pedido inusitado. "Vovô, o senhor me dá dois presentes de primeira Comunhão?"

Quero que o senhor comungue comigo e quero esta sua estampa de primeira Comunhão. Mamãe a achou no meio de um documento e quero levá-la por toda a vida e imitar Nosso Senhor!"

Não era preciso mais nada. Ao ver a sua estampa recebeu um solavanco no coração. Mas, um solavanco amoroso e misericordioso. Não fora fiel a Deus, mas Ele jamais o abandonara. Pelo contrário, havia protegido o menino, advertido o adolescente, tocado o homem e agora procurava amavelmente o velho, e o convidava novamente a viver no seu Amor e na sua Amizade.



Os falsos amigos o haviam abandonado. O dinheiro acabara, e com ele a vida de prazeres. Havia sido esquecido, mas um Amigo, o Verdadeiro Amigo de nossas almas o perseguia para agora, no dia da Primeira Comunhão da neta, ser seu alimento e prepará-lo para a eternidade.

Uma graça então ele passou a pedir, que sua neta fosse mais fiel à bela imagem e principalmente ao Senhor mostrado na imagem. E para ele pedia que Aquele Senhor não saísse de sua mente e ele O amasse pelo resto da vida que tinha.





Vida Eterna, Alguma Dívida?

Em sua infinita misericórdia, Deus, depois de haver revelado o dogma do inferno, tem permitido, de onde em onde, que alguma alma venha da eternidade para confirmar-nos a existência daquele lugar de penas. Tais aparições são mais frequentes do que comumente se crê; e quando são atestados por pessoas idôneas e fidedignas, tornam-se fatos inegáveis, que se admitem como todos os outros fatos da história. Apresso-me, porém, a declarar que não entendo trazer esses fatos como argumento principal e básico com que se demonstre e se estabeleça o dogma do inferno, porque este nos é demonstrado pela palavra infalível de Deus; narro tais aparições somente para confirmar e elucidar essa verdade, e como argumento de salutar meditação.

Monsieur Ségur, no seu áureo opúsculo sobre o inferno narra três fatos, cada qual mais autêntico, acontecidos não faz muito...

O primeiro, diz ele, sucedeu quase em minha família, pouco antes da terrível campanha de 1812, na Rússia. Meu avô materno, o Conde Rostopckine, governador militar de Moscou, era intimamente relacionado com o general Conde Orloff, tão valoroso, quão ímpio.

Um dia, após a ceia, o conde Orloff e um seu amigo, o general V..., volteriano como ele, puseram-se a ridicularizar a religião e sobretudo o inferno:

- Mas..., disse Orloff, e se houvesse alguma coisa além do túmulo?

- Neste caso..., diz o general V., o primeiro que morrer virá avisar o outro; de acordo?

- Pois não, responde Orloff.

E ambos prometeram seriamente não faltar à palavra.

Algumas semanas após, desencadeou uma daquelas guerras que Napoleão sabia suscitar; o exército russo foi chamado às armas, e o general V. recebeu ordens de partir incontinentemente para um posto de comando.

Duas ou três semanas depois da partida de Moscou, quando meu avô se levantava, bem cedo, viu abrir-se bruscamente a porta do quarto e entrar o conde Orloff, com roupa de dormir, de chinelos, cabelo em desalinho, olhos esbugalhados, pálido como cera.

- Oh! Orloff! vós aqui, a esta hora? neste traje? que aconteceu?

- Meu caro, responde Orloff, eu perco a cabeça. Vi o general V...

- Oh! Ele já voltou?

- Não, continua Orloff, atirando-se a um divã, não, não voltou, e é isso que me espanta.

Meu avô nada compreendia e procurava acalmá-lo.

- Contai-me, então, lhe disse, o que aconteceu e o que significa tudo isto.

Fazendo grande esforço para se acalmar, o conde Orloff contou o seguinte:

- Meu caro Rostopckine, não faz muito, o general V. e eu, juramos, que o primeiro que morresse, viria avisar o outro se há de fato alguma coisa além do túmulo. Ora, pela madrugada, enquanto estava tranquilo na cama, acordado, sem pensar no amigo nem no juramento, abre-se de repente o cortinado do meu leito e vejo, a dois passos de mim, o general V. de pé, desfigurado, com a mão direita no peito e me fala: - *Existe um inferno, e eu lá estou...* e desapareceu. Na mesma hora corri até cá; eu perco a cabeça! Que coisa estranha! Não sei o que pensar!

Meu avô tranquilizou-o como pôde: falou-lhe de alucinação, fantasia... que ele talvez estivesse dormindo... que às vezes dão-se casos extraordinários, inexplicáveis... E procurava persuadi-lo com outros meios termos, que apesar de nada valerem, servem para consolar os cépticos. Mandou preparar o coche e acompanhou o conde a sua casa.

Dez ou doze dias depois deste estranho acontecimento, um estafeta do exército comunicava ao meu avô, entre outras coisas, a morte do general V.

Naquela madrugada em que o conde Orloff o tinha visto e ouvido, o infeliz general, saindo a estudar a posição do inimigo, foi varado por uma bala e caiu morto.

"Existe um inferno, e eu lá estou"... eis as palavras de um que veio do outro mundo.



Restos Humanos - "Estes bebês mortos chegaram à idade fetal de 18 a 24 semanas antes de serem mortos por aborto. Este é o resultado de uma manhã de trabalho num hospital escolar no Canadá."

A abominação sempre criminosa

Recente reportagem, publicada por um jornal paulista, coloca o aborto como uma das maiores causas da mortalidade no país.

Daí tiram os sinistros defensores da prática assassina, a idéia de legalizá-lo, dizendo que sua clandestinidade é que produz as mortes.

Este é um entre tantos outros, um "argumento" furado. É uma falácia! É uma mentira!

O aborto é realmente causa de enorme mortalidade, mas é isso independentemente de ser clandestino. Ele causa mortes porque é prática criminosa, anti-natural, contra o direito à vida de inocentes, contra a Sacrossanta Lei de Deus.

Não é legalizando-o que se acabará com o morticínio das criminosas mães.

O morticínio acabará, acabando-se com o aborto. É óbvio.

O raciocínio dos defensores da legalização do aborto é igual ao daqueles que querem diminuir o número de crimes, descriminando-os. Com uma diferença, no nosso caso, sendo o aborto legalizado, aumenta o seu número e aumenta o número de mortes de mães.

Não é legalizando um assassinato que ele se torna bom. Um crime é sempre um crime. Um aborto é sempre uma abominação.